Seminário 5 – 1ª parte

Período neonatal – período simbiótico (filho e mãe): vai do 10º dia a contar do nascimento, ao 8º - 9º mês, isto é, quando estará completando o desenvolvimento ósseo-muscular da mandíbula, implicando, fisiologicamente, o início da função intencional dos músculos masseteres para a mastigação.

NASCIMENTO: da fusão para a simbiose

Com o corte do cordão umbilical mãe e bebê não estão mais fusionados, mas um depende do outro ainda.

Nascer significa em condições ótimas, separar-se natural e fisiologicamente do útero, de maneira não violenta (Leboyer) e, **como acontece com todos os outros mamíferos, ficar em contato com o corpo quente da mãe para poder pegar o mais breve possível o peito e sugar** (mesmo se ainda não houver leite, isto produz secreção de oxitocina!). Navarro

Mas, segundo a UNICEF, em pesquisa apresentada em agosto de 2016, metade dos bebês não é amamentada na primeira hora de vida. Apresentaram também o dado que quanto mais se atrasa o início da amamentação, maior é o risco de morte no primeiro mês de vida. Atrasar o aleitamento materno entre duas e 23 horas após o nascimento aumenta em 40% o risco de morte nos primeiros 28 dias de vida. Atrasá-la por 24 horas ou mais aumenta esse risco em 80%.

Núcleo psicótico no período intra-uterino

A separação do parto exige uma chegada rápida, porque o estresse do medo de abandono, durante os 10 primeiros dias do nascimento, impede a integração funcional dos 5 sentidos, e isso também provoca a instalação de um núcleo psicótico. Reich considera os 10 primeiros dias de vida ainda como período intra-uterino.

Para evitar a instalação de um núcleo psicótico no período neonatal é preciso que a mãe satisfaça as necessidades simbióticas do filho e não as dela! (Navarro)

Isso significa que a regra de amamentar a cada três horas é uma medida antifisiológica absurda! O recém-nascido deve sugar sempre que precisar! (Navarro)

Para favorecer o vínculo, deve se proporcionar um ambiente íntimo e tranquilo, sem estímulos sensoriais e ajudando a atender as necessidades da mãe, para que esta possa dedicar-se por inteiro e ficar com o bebê.

Nisso, o pai tem um importante compromisso para proporcionar as condições necessárias.

Para desempenhar a sua função, a mãe deve ter tido algumas **alterações neuro-hormonais** que favorecem a saída do colostro, inicialmente, e depois, do leite. Consequentemente, deve sentir uma **força e uma capacidade de entrega muito grande**, o que leva a falar em certa alteração do estado de consciência, mudando os ciclos de sono-vigília, suas necessidades cotidianas, e sentindo um grande amor pelo bebê, que passa a ser, nos primeiros meses, quase **seu único foco de interesse.**

Mas poucas vezes se observa essa situação. Influenciadas por pediatras, meios de comunicação, suas mães e o meio social e pela própria estrutura caracteriológica da mãe, observam-se outras atitudes. Assim, mais uma vez dá-se a separação de funções.

Devem ser veiculados os afetos e as emoções que isso causa, e favorecer o aleitamento materno, se houver condições biológicas, com liberdade de horário e “contato”, se a mãe estiver receptiva à excitação genital que pode ser provocada pelo ato de chupar, como **“relação amorosa”.**

Vivenciando esse ato como **fonte de comunicação**, junto com tantos outros momentos de contato epidérmico que devem ser realizados, **não mecanicamente** (é típico dar de mamar assistindo à televisão ou conversando), e sim como um ato íntimo de amor, pois é isso mesmo, pelo menos para o bebê.

Não esqueçamos que **chupar é fundamental**, não somente por seus componentes fisiológicos, mas porque é **fonte de prazer sexual oral para o bebê**, portanto, **meio de regulação energética**, por intermédio dos episódios de “**orgasmo oral**” – momentos isolados, mas muito intensos, em que o bebê pode chegar a ter **convulsões em todo o corpo**, consequência do **reflexo orgástico** – e que, segundo E. Baker, “alguns pediatras chegaram a confundir com ataques epiléticos”. (Hortelano)

O ato de mamar, que promove, entre outras coisas, o amadurecimento da função respiratória, do sistema imunológico e do processo de identidade do Ego, vai passando a ter a única função de satisfação sexual e, portanto, de regulação energética e meio de desenvolver a capacidade de pulsação biológica.

A amamentação fisiológica humana deve prolongar-se até o 8º-9º mês, quando se completa o desenvolvimento das mandíbulas para a função de mastigação. Isso implica que o **desmame prematuro e brusco** provoca alterações na formação de uma psique saudável, criando um núcleo distímico (borderline). O **desmame tardio** tem o mesmo efeito negativo, porque cria uma falsa necessidade de dependência simbiótica.

O início da formação do eu

O recém-nascido humano, ao nascer, vê, mas não olha. Nos primeiros dois meses de vida, o bebê não enxerga bem e consegue ter apenas uma **noção de claro e escuro**. Por isso, quando está mamando, o bebê é capaz de **enxergar até onde estão os olhos da mãe.**

**Ele precisa de um ponto de referência no qual possa fixar o olhar**, que é um passo **para aprender a olhar**: este ponto de referência deveria ser **o vulto da mãe**! (Navarro)

Acomodação e Convergência

Durante a amamentação o recém-nascido, sugando, olha alternadamente para o rosto da mãe e para o seio materno (que está à altura da ponta do seu nariz), tornando possível o reflexo de acomodação e convergência ocular descrito por Spitz.

O eu e o não-eu

A presença do vulto materno torna-se indispensável quando, **na amamentação**, ele será capaz de conseguir a acomodação e a convergência.

**A acomodação e a convergência permitem distinguir um eu de um não-eu**, que é o vulto materno. Nasce assim a faculdade de **“descobrir” o outro e a si mesmo**. Esta faculdade desenvolverá o potencial emotivo, que induzirá ao nascimento do eu, o desenvolvimento da identidade e, depois, da individualidade. Assistimos assim à premissa da formação do superego, ligado às mensagens provenientes do outro (o não-eu).

O eu é, portanto, a expressão do si, ou seja, do nosso núcleo biológico energético, definido pela estrutura, o terreno individual.

Contato

Etimologicamente, contato quer dizer estado em que se encontram corpos que se tocam, isto é, a ação de tocar, resultante da aproximação entre duas coisas.

Quanto à fronteira do contato: **O contato se realiza numa fronteira** em que o senso de separação é mantido de tal modo que a união não ameace a existência e sim a possibilite. **Essa fronteira onde o contato se realiza é um ponto pulsante de energia.** A fronteira de contato é o ponto onde a pessoa experimenta seu "eu" na relação com o "não-eu". **Depende da densidade e da qualidade dessa energia pulsante na fronteira de contato para que o "eu" seja vivenciado de forma mais ou menos clara e nítida.**

Campo

Então, a **conscientização** é, na realidade, a **autopercepção**. E o senso de "eu". **O contato não contém somente esse senso de "próprio eu". Envolve também o senso de qualquer energia que esteja presente nesse campo, seja de uma forma adequada, seja de uma forma sentida como violadora dessa fronteira.**

O bebê não possui a habilidade de discriminar o universo de "si" do "outro de si", em "eu" do "não-eu". Ele depende do fato da figura materna possuir essa habilidade para que sua regulação e integração organísmica se faça.

**Disfunções de contato comprometem a identidade** por impedir a plenitude desde o nascimento, quando, na realidade, **um bom contato possibilitaria que as funções sensoriais pudessem se estruturar, levando a percepções acuradas e adequadas à realidade organismo/meio**.

Miopia

Uma amamentação psicologicamente deficitária, na acepção mais ampla do termo, é a causa de miopia, com sua deficiência de acomodação-convergência.

Acting da lanterna e bico e ponta do nariz

Muitas vezes, há dificuldade na convergência ocular e em coordenar os movimentos oculares e labiais, sinais que exprimem uma amamentação perturbada ou inadequada.

A reação física mais comum ao segundo acting é o lacrimejamento e até o choro; a reação psicológica é um sentimento de depressão, por ausência de “alguma coisa” (a gratificação da sucção”. (Metodologia da vegetoterapia caractero-analítica)